

Os seis bustos de Napoleão

Arthur Conan Doyle

Os seis bustos de Napoleão

Título original: *The Six Napoleons*
Publicado pela primeira vez na *Collier's Weekly*
em Abril de 1904, com 6 ilustrações de Frederic Dorr Steele
e na *Strand Magazine*, em Maio de 1904,
com 7 ilustrações de Sidney Paget.

Sobre o texto em português:
Este texto digital reproduz a
tradução de *The Six Napoleons* publicado em
As Aventuras de Sherlock Holmes, Volume V,
editado pelo Círculo do Livro
e com tradução de Álvaro Pinto de Aguiar.

Era comum que o inspetor Lestrade, da Scotland Yard, viesse ver-nos à tardinha, e Sherlock Holmes gostava de suas visitas, pois faziam com que ficasse a par de tudo o que se passava na Scotland Yard. Para pagar as notícias que Lestrade lhe trazia, Holmes estava sempre pronto a ouvir com atenção os pormenores dos casos que ocupavam o detetive no momento, podendo às vezes, sem interferência ativa, fazer alguma sugestão baseada em seus conhecimentos e em sua experiência.

Naquela noite, Lestrade falou do tempo e das notícias publicadas nos jornais. Depois ficou em silêncio, fumando pensativamente. Holmes fitou-o com atenção.

— Alguma coisa extraordinária, no momento? — perguntou.

— Oh, não, sr. Holmes, nada especial.

— Então, conte-me tudo.

Lestrade riu.

— Pois bem, sr. Holmes, não adianta negar que há alguma coisa. Mas é tão absurdo o que está acontecendo que hesitei em vir importuná-lo. Por outro lado, embora seja insignificante, é indubitavelmente estranho, e sei que o senhor aprecia tudo o que é fora do comum. Mas, em minha opinião, é mais assunto para o dr. Watson do que para o senhor.

— Doença? — perguntei.

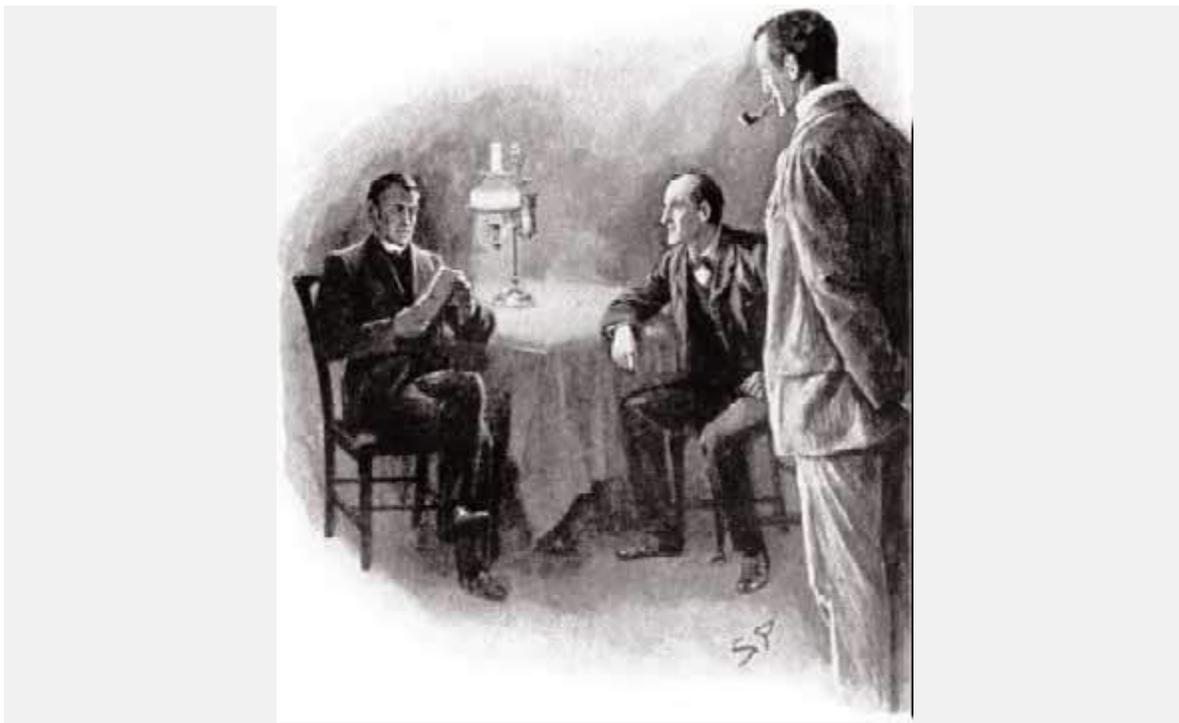
— Loucura, no mínimo. E uma estranha espécie de loucura! Ninguém iria pensar que em nossa época pudesse existir uma pessoa com tal ódio a Napoleão I, a ponto de quebrar todas as imagens que dele encontra.

Holmes afundou-se na cadeira e observou:

— Isso não é assunto para mim.

— Exatamente. Foi o que eu disse. Mas quando o homem invade uma propriedade para quebrar essas imagens, que não lhe pertencem, o caso passa da alçada do médico para a da polícia.

Holmes empertigou-se novamente.



(Sidney Paget, 1904)

— Roubo! É interessante. Ouçamos os pormenores.

Lestrade tirou um livrinho do bolso, para avivar a memória.

— A primeira queixa foi há quatro dias — disse ele.

— O fato deu-se na loja de Morse Hudson, que vende quadros e estatuetas na Kennington Road. O empregado saíra da loja por um instante quando ouviu um

estardalhaço. Veio ver o que acontecera, e encontrou um busto de Napoleão, que estava em cima do balcão ao lado de outros objetos de arte, completamente espatifado, no chão. Correu para a rua, mas, embora muitos transeuntes dissessem ter visto um homem saindo às pressas da loja, não viu ninguém que pudesse identificar como o malandro. O fato foi tomado como um desses inexplicáveis atos de vandalismo que ocorrem de vez em quando, e a polícia foi notificada. O busto não valia mais que alguns xelins, e o assunto parecia muito infantil para merecer uma investigação.

Lestrade fez uma pausa e continuou:

— Mas o segundo caso foi mais extraordinário e também mais singular. Ocorreu ontem à noite. Na Kennington Road. A algumas centenas de metros da loja de Morse Hudson mora um médico conhecido, o dr. Barnicot, que tem uma das maiores clientelas daquele bairro. Mora e tem seu principal consultório na Kennington Road, mas tem também uma clínica cirúrgica e um dispensário na Lower Brixton Road, a três quilômetros de distância. Esse dr. Barnicot é um entusiástico admirador de Napoleão, e sua casa está cheia de livros, retratos e relíquias do imperador francês. Há algum tempo, comprou dois bustos de Napoleão na loja de Morse, numa reprodução do célebre trabalho do escultor Devine. Um deles foi colocado no vestíbulo de sua casa na Kennington Road, o outro sobre a lareira da clínica, na Lower Brixton. Pois bem, o dr. Barnicot ficou admirado, ao descer hoje de manhã, quando verificou que um ladrão entrara em sua casa durante a noite, mas nada levava a não ser o busto de Napoleão. Este foi carregado até o jardim e despedaçado contra o muro, perto do qual foram encontrados os fragmentos.

Holmes esfregou as mãos.

— Não há dúvida de que é uma novidade — disse ele.

— Achei que o caso o interessaria. Mas isso ainda não é tudo. O dr. Barnicot devia chegar à clínica ao meio-dia, e o senhor pode imaginar seu espanto quando, ao entrar ali, viu que a janela fora quebrada durante a noite, e que as peças da outra estatueta de Napoleão estavam espalhadas pelo chão! Em nenhum dos casos havia indícios do criminoso, ou louco, que agira tão absurdamente. Agora, sr. Holmes, já conhece os fatos.

— Singulares, para não dizer grotescos — declarou Holmes. — Posso perguntar-lhe se os dois bustos pertencentes ao dr. Barnicot eram duplicatas daquele que foi destruído na loja de Morse Hudson?

— Tinham sido feitos a partir da mesma forma.

— Isso depõe contra a teoria de que o homem agira impulsionado por um ódio a Napoleão. Levando-se em conta o número de estátuas do grande imperador que existem em Londres, é absurdo acreditarmos na coincidência de o iconoclasta ter começado por três bustos iguais.

— Foi o que também pensei — disse Lestrade. — Por outro lado, o negociante de estatuetas naquele bairro é Morse Hudson, e aquelas três eram as únicas que teve na loja durante anos. Sendo assim, embora haja, como o senhor diz, centenas de outras estátuas de Napoleão em Londres, aquelas eram as únicas no distrito. Um fanático começaria por elas. Que diz a isso, dr. Watson?

— Não há limite para as possibilidades da monomania — respondi. — Existe o quadro clínico a que os modernos psicólogos franceses chamam de *idée fixe*, que pode ser acompanhada por absoluta sanidade em tudo o mais. Um homem que tivesse lido muito a respeito de Napoleão, ou tivesse sofrido alguma seqüela naquela grande guerra, poderia vir a ter uma ideia fixa, tornando-se capaz dos atos mais disparatados.

— Isso não serve, caro Watson — disse Holmes, sacudindo a cabeça. — Por maior que fosse a *idée fixe*, não permitiria a seu interessante monomaniaco saber onde se encontravam os bustos.

— Então, como explica você o fato?

— Não pretendo explicá-lo. Observo, apenas, que há método no excêntrico procedimento do sujeito. Por exemplo, no saguão do dr. Barnicot, onde o barulho poderia acordar a família, o busto não foi quebrado, e sim levado para fora, ao passo que na clínica, onde havia menos perigo de alarme, foi quebrado no local. Parece absurdamente trivial, mas eu não ousaria chamar qualquer coisa de trivial ao lembrar-me de que muitos de meus casos mais importantes tiveram um princípio insignificante. Você deve recordar-se, Watson, de que o terrível caso da família Abernetty me chamou a atenção quando notei como a salsa se enterrara profundamente na manteiga, num dia quente. Não posso, portanto, sorrir perante os três bustos quebrados, Lestrade, e ficarei muito agradecido se vier contar-me todas as novidades de tão singular cadeia de acontecimentos.

As novidades vieram depressa, e eram mais trágicas do que Holmes poderia ter imaginado. Eu estava me vestindo, na manhã seguinte, quando ouvi bater à porta. Holmes entrou com um telegrama na mão. Leu-o em voz alta.

— “Venha imediatamente à Pitt Street, 113, Kensington. Lestrade.”

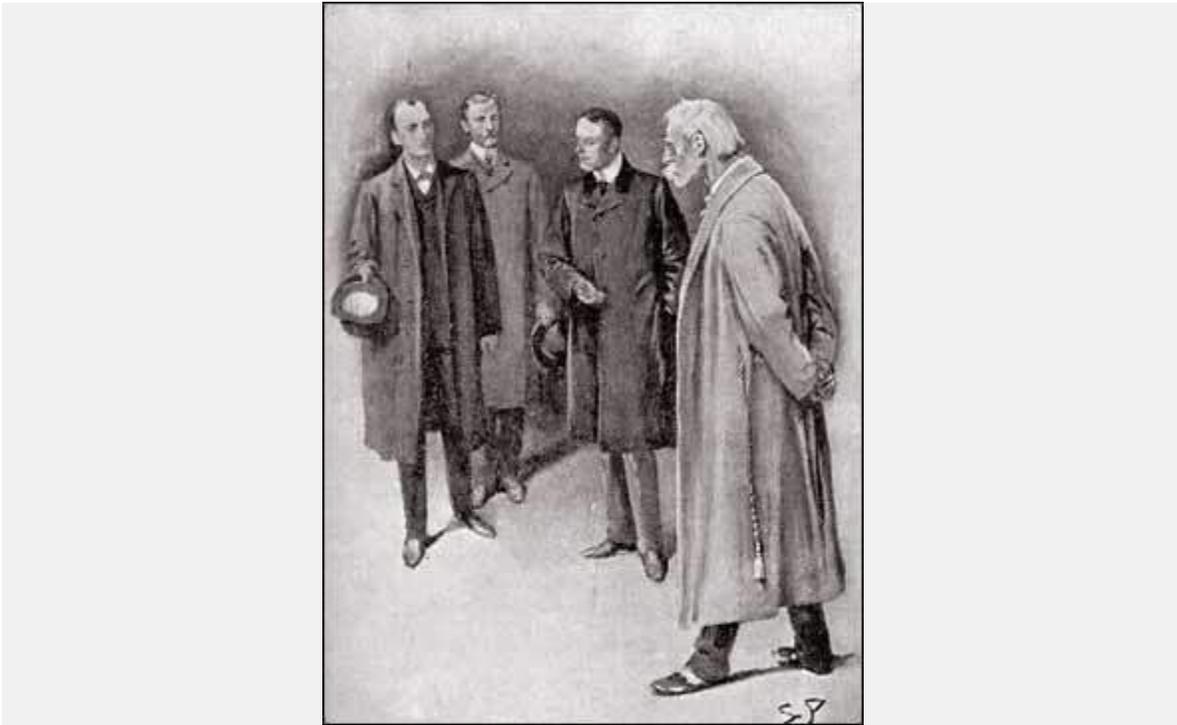
— Que será? — perguntei.

— Não sei. Pode ser... qualquer coisa. Mas creio que é a sequência do caso dos bustos. Se assim for, nosso amigo iconoclasta começou a operar em outro ponto de Londres. O café está na mesa, Watson, e há um carro à nossa espera.

Dali a meia hora, estávamos na Pitt Street. O número 113 era uma casa entre uma fileira de outras residências retilíneas, respeitáveis e pouco românticas. Quando nos aproximamos, vimos um grupo de curiosos. Holmes assobiou.

— Com os diabos, houve pelo menos uma tentativa de assassinato. Só isso deteria o transeunte londrino. Nos ombros redondos e no pescoço esticado daquele sujeito há uma sugestão de violência. Que é isso, Watson? Os degraus de cima estão úmidos, e os outros, secos. Pegadas, pelo menos. Bem, bem, lá está Lestrade à janela, e já saberemos do que se trata.

O detetive recebeu-nos com expressão grave, fazendo-nos entrar numa saleta, onde um senhor idoso, muito agitado e em desalinho, metido num roupão de flanela, andava de um lado para outro. Foi-nos apresentado como o dono da casa, sr. Horace Harker, da Associação Central de Imprensa.



(Sidney Paget, 1904)

— E o caso dos bustos novamente — avisou Lestrade.

— Pareceu-me interessado ontem à noite, sr. Holmes, de modo que achei que gostaria de estar presente, agora que o caso tomou um rumo muito mais sério.

— Que rumo?

— Assassinato. Sr. Harker, quer fazer o favor de contar a estes senhores o que aconteceu?

O homem de roupão voltou-se para nós com ar profundamente melancólico.

— É incrível que eu, que toda a vida procurei coligar notícias sobre os outros, me sinta confuso agora que há uma notícia sensacional à minha porta, a ponto de não conseguir escrever duas palavras. Se eu tivesse vindo aqui como jornalista, teria entrevistado o dono da casa e publicado duas colunas, em todos os jornais da tarde. Da forma como correm as coisas, estou desperdiçando uma notícia importante, relatando os acontecimentos a um sem-número de pessoas diferentes, sem saber tirar proveito disso. Mas conheço-o de nome, sr. Holmes, e, se puder explicar-me o que significa esse fato tão estranho, eu me sentirei pago pelo trabalho de lhe contar a história.

Holmes sentou-se e ouviu.

— Parece que tudo gira em torno do busto de Napoleão que comprei para esta sala, há quatro meses. Comprei-o muito barato na Harding Brothers, a dois passos da estação da High Street. Grande parte de meu trabalho de jornalista é feito à noite, e às vezes escrevo até de madrugada. Foi o que aconteceu hoje. Eu estava sentado em meu escritório, que fica nos fundos da casa, mais ou menos às três horas da manhã, quando tive a certeza de ter ouvido um ruído embaixo. Fiquei à escuta, mas o barulho não se repetiu, de modo que deduzi que provinha da rua. Então, cinco minutos mais tarde, ouvi um grito horrível, o mais pavoroso da minha vida, sr. Holmes. Dele não me esquecerei enquanto viver. Fiquei imóvel, horrorizado, durante alguns segundos. Depois, agarrei um atizador e descí. Quando cheguei a esta sala, vi a janela aberta e reparei que o busto desaparecera de cima da lareira. Por que quereria um ladrão levar tal objeto é coisa que está acima de minha compreensão, pois não tinha o mínimo valor.

O homem respirou fundo e continuou:

— O senhor verificará que qualquer pessoa que sair pela janela aberta poderá alcançar o patamar da escada com um passo largo. Foi isso, sem dúvida, o que fez o ladrão, de modo que dei a volta e fui abrir a porta. Ao dar um passo para fora, no escuro, quase tropecei num corpo que ali estava. Entrei correndo para buscar uma lanterna, e vi um pobre homem, com a garganta aberta, numa poça de sangue. Estava de costas, os joelhos encolhidos, a boca horrivelmente aberta. Mal tive tempo de tocar um apito para chamar a polícia e devo ter desmaiado, pois não me lembro de mais nada, até ver um guarda debruçado sobre mim, no saguão.

— Quem era a vítima? — perguntou Holmes.

— Não há nada que indique sua identidade — disse Lestrade. — O senhor verá o corpo no necrotério, mas até agora nada descobrimos. Era um homem alto, moreno, muito forte, que não devia ter mais de trinta anos. Estava pobremente vestido, mas não parecia operário. Na poça de sangue a seu lado havia uma faca de cabo de osso. Não sei se pertencia ao morto ou ao assassino. Não havia marca alguma nas roupas, e nada nos bolsos, a não ser uma maçã, um pedaço de barbante, um mapa barato de Londres e uma fotografia. Aqui está ela.

Era um instantâneo pequeno. Vimos um homem de expressão viva, traços definidos, grossas sobrancelhas, a parte de baixo do rosto projetando-se como a de um macaco.

— E que fim levou o busto? — perguntou Holmes, após examinar cuidadosamente a fotografia.

— Tivemos notícias dele pouco antes de o senhor chegar. Foi encontrado no jardim de uma casa vazia, na Campden House Road. Estava quebrado. Vou agora examiná-lo. Quer ir?

— Sem dúvida. Mas primeiro quero dar uma olhada por aqui. — Holmes examinou o tapete e a janela. — Ou o sujeito tinha pernas muito compridas, ou era muito ágil — observou meu amigo. — Com aquele espaço ali debaixo, não foi fácil alcançar o parapeito e abrir a janela. Depois disso, sair deve ter sido relativamente simples. Vem conosco ver os fragmentos do busto, sr. Harker?

O inconsolável jornalista sentara-se à escrivaninha.

— Tenho de tentar escrever alguma coisa — disse ele.

— Mas garanto que as primeiras edições dos jornais da tarde já deram todos os pormenores. Que falta de sorte! Lembrase de quando caiu a plataforma em Doncaster? Pois bem, eu era o único jornalista presente, e meu jornal foi também o único a não publicar a notícia, pois fiquei abalado demais para poder escrever qualquer coisa! E agora, com um crime à minha porta, também vou chegar tarde demais.

Quando saímos dali, ouvimos o ruído da pena correndo furiosamente sobre o papel. O local onde haviam sido encontrados os fragmentos do busto ficava a apenas alguns metros dali. Pela primeira vez, nossos olhos viram o busto do imperador, que parecia despertar o implacável ódio do destruidor desconhecido. Os pedaços estavam espalhados pelo chão. Holmes apanhou alguns e examinou-os cuidadosamente. Eu estava convencido, pela sua expressão concentrada, de que finalmente atinara com qualquer coisa.

— Então? — perguntou Lestrade.

Holmes encolheu os ombros.

— Ainda temos muito o que caminhar — disse ele. — E no entanto. . . no entanto. . . Pois bem, temos alguns fatos muito sugestivos como ponto de partida. A posse desta ninharia valia mais, aos olhos do criminoso, do que uma vida humana. Temos aí uma constatação. Há depois o fato singular de ele ter quebrado o busto dentro da casa, ou imediatamente fora da casa, como faria se seu objetivo fosse apenas destruí-lo.

— Ele ficou nervoso por ter encontrado outra pessoa. Mal sabia o que estava fazendo.

— É provável. Mas quero chamar sua atenção particularmente para a posição da casa, no jardim onde o busto foi quebrado.

Lestrade olhou à volta.

— É uma casa vazia, de modo que ninguém o incomodaria no jardim — observou.

— Sim, mas há outra casa desocupada, por onde ele deve ter passado antes de chegar a esta. Por que não quebrou o busto ali, já que cada passo que dava aumentava o risco que corria?

— Desisto — confessou Lestrade.

Holmes apontou para o lampião da rua sobre nossas cabeças.



(Sidney Paget, 1904)

- Aqui, ele podia ver o que fazia, mais além, não. É esta a razão.

- Por Deus, é verdade — concordou o detetive. — Agora que penso nisso, o busto do dr. Barnicot não foi quebrado muito longe de seu candeeiro vermelho. Pois bem, sr. Holmes, que fazemos com esta descoberta?

- Fica guardada para ser lembrada. Mais tarde, talvez encontremos alguma coisa que elucide esse ponto. Que pretende fazer agora, Lestrade?

- O mais prático, na minha opinião, é identificar o morto. Não deve haver dificuldade. Depois de descobrir quem é ele e quais são seus comparsas, não será difícil saber o que estava fazendo na Pitt Street, a noite passada, quem se encontrou com ele e quem o matou na soleira da casa do st. Harker. Não acha?

- Sem dúvida, mas não seria essa a minha maneira de iniciar a investigação.

- Que faria o senhor?

- Oh, não deve deixar que eu o influencie. Proponho que atue à sua maneira, e eu, à minha. Depois, poderemos comparar nossas notas — e as de um completarão as do outro.

— Muito bem — disse Lestrade.

— Se vai voltar para a Pitt Street, verá o sr. Harker. Diga-lhe que estou certo de que um louco invadiu sua casa a noite passada. Isso será útil para o artigo dele.

Lestrade encarou Holmes.

— Não acredita nisso seriamente?

Homes sorriu.

— Não?... Pois bem, talvez não. Mas tenho a certeza de que a notícia interessará o sr. Harker e os seus leitores. Agora, Watson, creio que temos um dia longo e complexo à nossa frente. Lestrade, peço-lhe que venha ver-nos na Baker Street, às seis da tarde. Até lá, gostaria de guardar o retrato do morto comigo. É possível que tenha de pedir sua companhia e sua assistência, Lestrade, numa pequena aventura hoje à noite, se meu raciocínio estiver certo. Até lá, passe muito bem e felicidades.

Sherlock Holmes e eu fomos até a High Street, parando na loja Harding Brothers, onde o busto fora comprado. Um empregado informou-nos que o sr. Harding estava ausente e só voltaria à tarde, que era novo na casa e nada poderia nos informar. Holmes pareceu-me decepcionado e aborrecido.

— Bem, bem, não podemos esperar que tudo corra às mil maravilhas, Watson — disse finalmente. — Voltaremos à tarde, então. Como você deve ter percebido, estou procurando descobrir a origem dos bustos, para ver se há algo peculiar que justifique sua destruição. Vamos entrevistar o sr. Morse Hudson, na Kennington Road, para ver se ele pode dar-nos esclarecimentos.

Dali a uma hora, entrávamos na loja do sr. Hudson. Era um homem pequeno, atarracado, de rosto vermelho, muito vivaz.

— Sim, senhor — disse ele. — Aqui no meu balcão. Não sei para que pagamos imposto, já que qualquer mandrião pode entrar em nossa casa e danificar nossos artigos. Sim, senhor, vendi as duas estatuetas ao dr. Barnicot. É uma vergonha! Algum plano niilista, sem a menor dúvida. Somente um anarquista sairia por aí quebrando estátuas. Republicanos vermelhos, é o que eu diria. De quem recebi as estatuetas? Não sei o que isso tem a ver com o caso. Pois bem, se realmente deseja saber, comprei-as à Gelder & Co., na Church Street, em Stepney. Firma muito conhecida, há vinte anos. Quantas eu tinha? Três — duas e uma são três —, duas do dr. Barnicot e uma quebrada, em pleno dia, no meu balcão. Se conheço o homem da fotografia? Não, não o conheço. Sim, sim, conheço... Oh, é Beppo. Era um artesão italiano que ajudava aqui na loja. Sabia entalhar e dourar uma moldura, e outras coisas mais. Saiu a semana passada, e não tive mais notícias suas. Não, não

sei de onde veio nem para onde ia. Nada tive contra ele enquanto esteve aqui. Saiu dois dias antes de ser quebrado o busto.

Ao deixarmos a loja, Holmes disse:

— Bem, é tudo o que poderíamos esperar de Morse. Temos Beppo como um fator comum, tanto na Kennington como em Kensington, e isso valeu a viagem de dezesseis quilômetros. Agora, Watson, vamos à Gelder ô; Co., de onde vieram as estatuetas. Vou ficar admirado se não conseguirmos alguma coisa lá.

Em rápida sucessão, passamos pela Londres elegante, a Londres dos hotéis, dos teatros, da literatura e do comércio, até chegarmos a uma cidadezinha à beira do rio, de cem mil almas, com feias casas onde pululam os párias da Europa. Ali, numa rua larga onde antigamente residiam ricos comerciantes, encontramos a fábrica de objetos artísticos que procurávamos. Fora havia um imenso pátio, com estátuas monumentais. Dentro, uma sala grande, onde cinco operários entalhavam e modelavam. O gerente, um alemão louro, recebeu-nos cortesmente, respondendo com clareza a todas as perguntas de Holmes. Olhando livros, viu que tinham sido feitas, em gesso, centenas de cópias de um busto de Napoleão de mármore, por Devine. Mas as três que haviam sido enviadas a Morse Hudson, um ano antes, faziam parte de uma fornada de seis, sendo que as outras três haviam sido vendidas à Harding Brothers, em Kensington. Não havia razão para que essas seis fossem diferentes das outras. Não atinava com a causa de alguém querer destruí-las, e achava a ideia risível. O preço por atacado era de seis xelins, mas o revendedor poderia conseguir doze, ou mais. A estatueta era feita com dois moldes, tomados de cada lado do rosto, e depois juntados para fazer o busto. Trabalho geralmente feito por italianos, naquela sala onde estávamos. Depois de prontos, os bustos eram colocados no corredor para secar, sendo então armazenados. Era só o que nos podia dizer.

Mas a fotografia teve extraordinário efeito sobre o gerente. Seu rosto ficou vermelho, o olhar, sombrio.



(Sidney Paget, 1904)

— Ah, o bandido! — exclamou. — Sim, conheço-o muito bem. Isso aqui sempre foi uma casa respeitável, e a única vez que tivemos a polícia aqui dentro foi por causa desse sujeito. Há mais de um ano. Ele esfaqueou outro italiano na rua, depois veio trabalhar com a polícia em seu encaixe, e foi preso. Chamava-se Beppo, mas não conheço o sobrenome. Levei uma lição por ter dado emprego a um sujeito com essa cara. Mas era um bom operário, um dos melhores.

— Qual foi sua pena?

— O sujeito que ele esfaqueou não morreu, de modo que a sentença foi de um ano. Tenho certeza de que já está livre, mas não ousou aparecer por aqui. Um primo dele trabalha conosco, e com certeza poderá informá-lo de seu paradeiro.

— Não, não — protestou Holmes. — Nem uma palavra ao primo, por favor. O assunto é muito sério e, quanto mais avanço, mais sério me parece. Quando o senhor procurou a data da venda das estatuetas, vi que era 3 de junho, do ano passado. Pode dizer-me quando Beppo foi preso?

— Posso saber, mais ou menos, pela folha de pagamento — respondeu o gerente. Virou umas páginas e informou. — O último salário foi pago no dia 20 de maio.

— Muito obrigado — disse Holmes. — Creio que não preciso abusar mais de sua paciência e seu tempo.

Insistindo de novo em que o gerente nada dissesse ao primo de Beppo, Holmes levou-me dali.

A tarde ia adiantada quando encomendamos um almoço rápido num restaurante. Num cartaz à entrada, lemos:

“Assalto em Kensington. Assassinato cometido por um louco”. A notícia provou-nos que o sr. Horace Harker conseguira escrever, afinal de contas. Duas colunas relatavam, em termos bombásticos, o sensacional incidente. Holmes leu enquanto comia. Uma ou duas vezes riu.

— Ouça isto, Watson: “Felizmente, não há divergência de opinião neste caso, uma vez que o inspetor Lestrade, um dos mais competentes membros da Scotiand Yard, assim como o sr. Sherlock Holmes, o conhecido perito, chegaram à conclusão de que a grotesca série de incidentes, que terminou de maneira tão trágica, é obra de um louco e não de um criminoso deliberado. Nenhuma explicação pode existir, a não ser a aberração mental”.

Holmes olhou-me e continuou:

— A imprensa, caro Watson, é uma valiosa instituição, quando a gente sabe usá-la. E agora, se tiver terminado seu almoço, vamos voltar para Kensington, a fim de ouvir o que o gerente da Harding Brothers tem a dizer.

O fundador daquela grande casa era um homenzinho vivo, muito bem-vestido, de cérebro ágil e língua solta.

— Sim, senhor, li o que dizem os jornais da tarde. O sr. Horace Harker é nosso freguês. O busto foi-lhe vendido há alguns meses. Encomendamos três iguais à Gelder & Co., de Stepney. Foram todos vendidos. A quem...? Creio que será fácil informá-lo, consultando nossos livros de vendas. Sim, aqui está. Um ao sr. Harker, um ao sr. Josiah Brown, de Laburnum Lodge, em Laburnum Vale, Chiswick, e o terceiro ao sr. Sandeford, da Lower Grove Road, Reading. Não, nunca vi o homem da fotografia. Não é rosto que se esqueça, não é verdade?... Nunca vi nada de mais feio. Se temos muitos italianos entre nossos empregados? Sim, senhor, temos muitos, entre operários e serventes. Sim, creio que poderiam olhar o livro de vendas, se o desejassem. Não há motivo para guardarmos o livro à chave. Sim, sim, é um caso estranho, e gostaria que o senhor me avisasse ao chegar a uma conclusão.

Holmes tomara várias notas durante a entrevista, e percebi que estava satisfeito com o desenvolvimento do caso. Mas não fez observação alguma, a não ser que precisávamos nos apressar se quiséssemos chegar a tempo a nosso encontro com Lestrade.

E de fato, quando chegamos à Baker Street, lá estava o detetive, andando de um lado para outro da sala, com impaciência. O ar de importância indicava que seu dia não fora perdido.

— Então? Teve sorte, sr. Holmes? — perguntou.

— Tivemos um dia muito ocupado e não de todo inútil — explicou meu amigo. — Entrevistamos os dois revendedores e também os fabricantes. Conheço, portanto, a origem dos bustos.

— Ora, os bustos! — exclamou Lestrade. — Pois bem, o senhor tem seus métodos, sr. Holmes, e não sou eu que falarei mal deles, mas creio que tive um dia mais proveitoso do que o seu. Identifiquei o morto.

— Não me diga!

— E encontrei um motivo para o crime.

— Ótimo!

— Temos um inspetor que se especializou em Saffron Hill e nos bairros italianos. Pois bem, o morto tinha uma medalha católica no pescoço, e isso, aliado à sua cor, fez-me pensar que era do sul da Europa. O inspetor Hill reconheceu-o no momento em que lhe mostrei o cadáver. Chamava-se Pietro Venucci, de Nápoles, e era um dos piores bandidos de Londres. Tinha relações com a Máfia, que, como o senhor sabe, é uma sociedade secreta que pune a desobediência com a morte. Vemos agora que o caso começa a ficar claro. Provavelmente, o outro também era membro da Máfia, e deve ter cometido alguma falta. Pietro foi mandado em seu encalço. Provavelmente, a fotografia que encontramos no bolso dele era a do homem que deveria matar, trazendo-a consigo para não só enganar. Ele encontra o sujeito e, vendo-o entrar na casa, espera-o do lado de fora. Na briga, é ferido e morre. Que tal, sr. Sherlock Holmes?

Holmes bateu palmas.

— Magnífico, Lestrade, magnífico! Mas não percebi como explica a destruição dos bustos.

— Os bustos! O senhor não consegue esquecê-los! Afinal de contas, é coisa insignificante, roubo miúdo, seis meses de cadeia, no máximo. O crime de morte, sim, é que nos interessa, e digo-lhe que estou achando o fio da meada.

— E o próximo passo?

— Muito simples. Irei com Hill ao bairro italiano, procurarei o homem da fotografia e acabarei por prendê-lo, sob acusação de assassinato. Quer vir conosco?

— Creio que não. Penso que atingiremos nosso fim de maneira mais simples. Não posso dizer ao certo, porque tudo depende de um fator completamente fora de nossa alçada. Mas tenho grande esperança... Para falar a verdade, creio que a probabilidade é exatamente de dois contra um de prender o sujeito hoje à noite, se você nos acompanhar.

— Ao bairro italiano?

— Não. Creio que Chiswick é o endereço onde poderemos encontrá-lo. Se me acompanhar até lá hoje à noite. Lestrade, prometo que irei com você amanhã ao bairro italiano, e nada se perderá com a demora. Agora, acho que algumas horas de sono nos farão bem, pois não pretendo sair antes das onze horas, e é provável que não estejamos de volta antes da madrugada. Se jantar conosco, Lestrade, poderá dormir no sofá até a hora da partida. Nesse meio tempo, Watson, gostaria que você chamasse um mensageiro expresso, pois tenho de mandar uma carta, e é necessário que siga imediatamente.

Holmes passou a noite remexendo no arquivo de jornais velhos, no sótão. Quando finalmente desceu, vinha com ar de triunfo, mas nada nos contou acerca do resultado de sua busca. Quanto a mim, que seguira todos os seus passos na investigação de caso tão complexo, embora não sabendo aonde queria chegar, compreendi que ele esperava que o criminoso fosse em busca dos dois bustos que faltavam. E, como muito bem sabíamos, um deles estava em Chiswick... Indubitavelmente, nosso objetivo seria apanhá-lo em flagrante. Não pude deixar de admirar a habilidade com que meu amigo fizera sair nos jornais uma notícia falsa, para que o criminoso pensasse que poderia continuar a agir impunemente. Não me admirei quando Holmes me sugeriu que levasse o revólver. Quanto a ele, apanhara um chicote, sua arma favorita.

Às onze horas um carro estava à porta, à nossa espera. Levou-nos para o outro lado da ponte de Hammersmith, e uma vez ali, Holmes ordenou ao cocheiro que esperasse. Uma caminhada curta levou-nos a uma rua isolada, com casas agradáveis no meio de jardins. À luz de um lampião de rua, lemos “Laburnum Vilia” sobre o portão de entrada de uma delas. Evidentemente, o pessoal da casa já se retirara, pois estava tudo às escuras, a não ser por uma réstia de luz que se coava pela porta da frente e punha uma mancha redonda na alameda do jardim. A cerca de madeira que separava o jardim da rua lançava uma sombra negra na parte de dentro, e foi ali que nos escondemos.

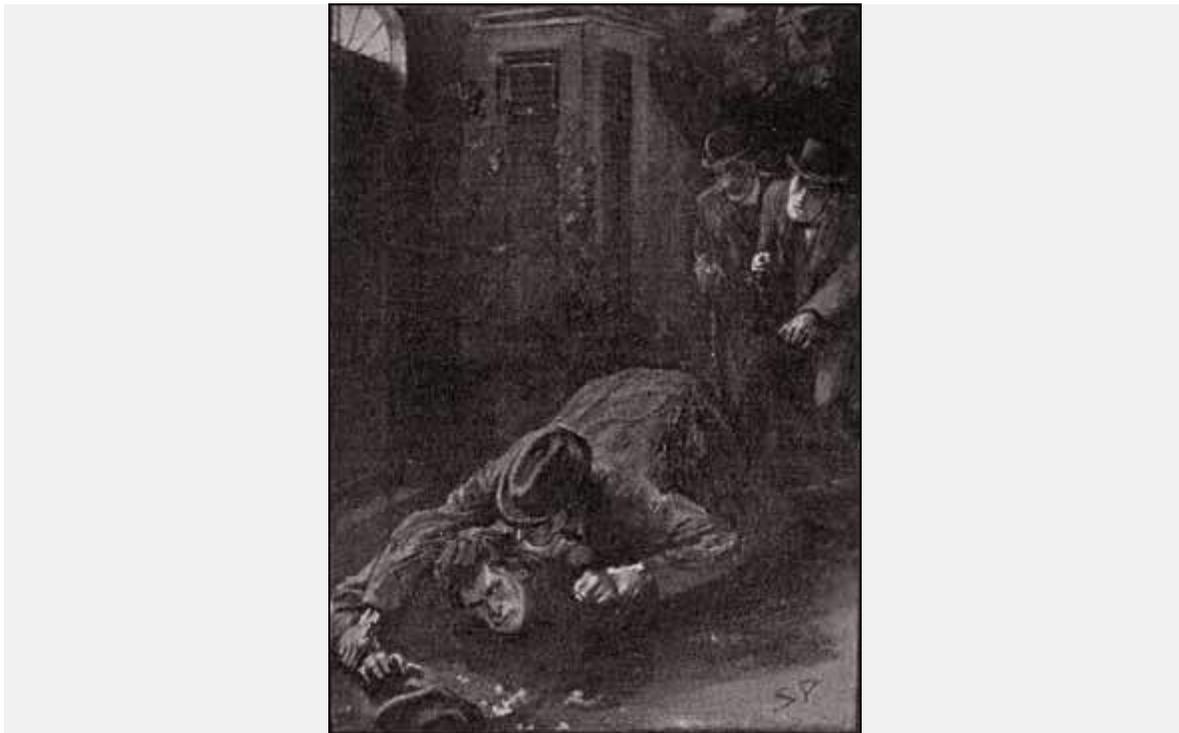
— Receio que tenhamos muito o que esperar — murmurou Holmes. — Devemos agradecer aos deuses por não estar chovendo. Infelizmente, nem fumar podemos. Mas espero que o sacrifício seja recompensado.

Nossa vigília não foi tão longa quanto rezeira Holmes, terminando de maneira súbita e singular. De repente, sem que o menor som anunciasse sua aproximação, um vulto escuro abriu o portão, e um homem ágil como um macaco correu pelo jardim. Vimo-lo passar pelo círculo de luz e desaparecer na sombra projetada pela casa.

Houve uma longa pausa em que ficamos de respiração suspensa, depois ouvimos um rangido leve. A janela fora aberta. Houve de novo um longo silêncio. Vimos o brilho rápido de uma lanterna dentro de casa. O homem não encontrara o que procurava, pois vimos a luz brilhar em outra janela, e depois em outra.

— Vamos até a janela aberta para agarrá-lo quando sair — murmurou Lestrade.

Mas, antes que déssemos um passo, o homem surgira de novo. Quando passou pelo círculo de luz, vimos que carregava alguma coisa debaixo do braço.

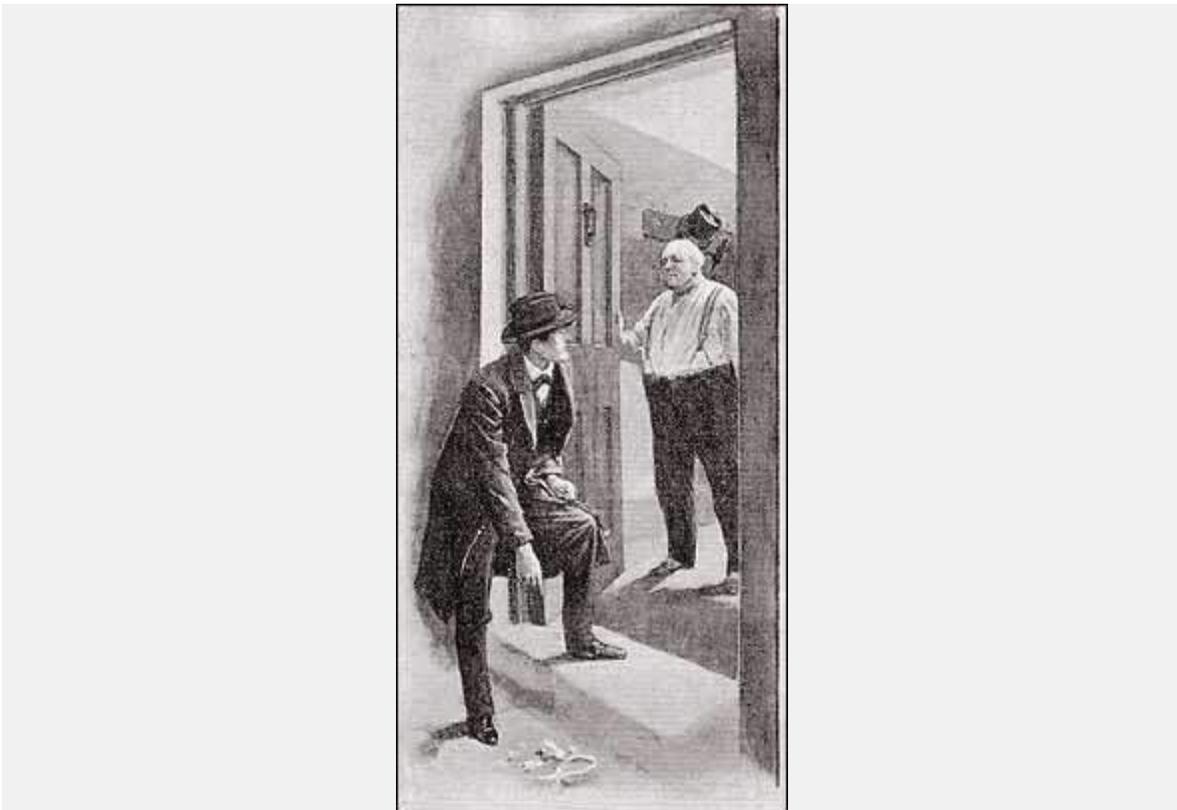


(Sidney Paget, 1904)

Olhou cautelosamente à volta. O silêncio da rua deserta tranqüilizou-o. Voltando-nos as costas, depositou o objeto no chão e, no momento seguinte, ouvimos uma pancada e o ruído de algo que se partia. O homem estava tão atento ao que fazia que não ouviu nossos passos, quando atravessamos furtivamente o relvado. Holmes pulou sobre ele como um tigre e, no momento seguinte, Lestrade e eu segurávamos seus pulsos, algemando-o sem demora. Vimos então um rosto pavoroso, lívido, com expressão furiosa, e percebi que era de fato o homem da

fotografia. Mas não era ao prisioneiro que Holmes dava atenção. Agachado na soleira da porta, examinava cuidadosamente o objeto que o homem roubara. Era um busto de Napoleão, como o que tínhamos visto de manhã, e estava reduzido a pedaços. Holmes levou-os, um a um, para perto da luz, examinando-os com atenção. Quando terminou, uma luz acendeu-se no vestibulo, a porta abriu-se e apareceu o dono da casa, em camisa e calças, com expressão jovial no rosto rotundo.

— Sr. Josiah Brown, suponho — disse Holmes.



(Sidney Paget, 1904)

— Em pessoa. Sem dúvida, estou falando com o sr. Sherlock Holmes. Recebi a carta que me mandou pelo mensageiro, e cumpri exatamente suas instruções. Fechamos todas as portas por dentro, e ficamos à espera dos acontecimentos. Estou muito satisfeito por ver que apanhou o bandido. Espero, senhores, que me dêem o prazer de entrar para tomar alguma coisa.

Mas Lestrade estava ansioso por levar o homem para lugar seguro, de modo que mandamos chamar nosso carro e, dali a pouco, estávamos a caminho de Londres. Nosso prisioneiro não quis dizer uma palavra, mas olhava-nos- por sob os cabelos emaranhados e, em dado momento, quando minha mão apareceu ao seu alcance, pulou sobre ela como um lobo.

Ficamos na polícia o tempo suficiente para saber que ele trazia apenas alguns xelins e um punhal na bainha, que tinha no cabo vestígios de sangue recente.

— Muito bem — disse Lestrade. — Hill conhece toda essa gente e saberá o nome do sujeito. Os senhores verão que minha teoria sobre a Maria estava certa. Mas sou-lhe muito grato, sr. Holmes, pela perícia com que conseguiu deitar as mãos ao homem. Ainda não sei como.

— Creio que é muito tarde para explicações — disse Holmes. — Além disso, há um ou dois pormenores ainda por elucidar, e este caso é dos que merecem ser levados até o fim. Se vier de novo à minha casa amanhã às seis da tarde, creio que poderei provar-lhe que ainda não atinou com o significado deste caso, que apresenta aspectos inéditos na história do crime. Se algum dia eu lhe permitir que relate mais alguns de meus feitos, Watson, creio que suas páginas adquirirão mais vida se contar a singular aventura dos bustos de Napoleão.

Quando tornamos a nos encontrar, no dia seguinte, Lestrade vinha cheio de informações a respeito do prisioneiro. Chamava-se Beppo, mas o sobrenome era desconhecido. Tornara-se tristemente famoso na colônia italiana. Fora hábil escultor, ganhando honestamente a vida, mas desviara-se do bom caminho e estivera na cadeia duas vezes, uma delas por ter esfaqueado um patrício. Falava perfeitamente o inglês. Ainda não sabíamos quais suas razões para destruir os bustos, e ele se recusava a responder, mas a polícia achava que os bustos provavelmente tinham sido feitos por ele, uma vez que fora empregado da firma Gelder & Co. Todas essas informações, muitas das quais já eram de nosso conhecimento, Holmes as ouviu com atenção cortês. Mas eu, que o conhecia, sabia que seus pensamentos estavam longe dali, e percebia um misto de inquietação e expectativa sob a máscara que apresentava.

Finalmente, empertigou-se na cadeira, e seus olhos brilharam. Soara a campainha da rua. Minutos depois, ouvimos passos na escada. Surgiu na sala um homem idoso, de rosto rubicundo e suíças grisalhas. Trazia na mão uma sacola antiquada, que depositou sobre a mesa.

— O sr. Sherlock Holmes está presente? — perguntou.

Meu amigo inclinou-se e sorriu.

— Sr. Sandeford, de Reading, suponho?

— Sim, senhor. Creio estar um pouco atrasado, mas os trens são assim mesmo. O senhor escreveu-me a respeito de um busto que possuo.

— Exatamente.

— Tenho aqui sua carta. Diz: “Desejo possuir uma cópia do busto de Napoleao, de Devine, e estou pronto a pagar dez libras pela que o senhor possui”. Não é isso?

— Exatamente — respondeu Holmes.

— Fiquei muito admirado com sua carta, pois não consegui perceber como soube que eu possuía tal objeto.

— Claro que deve ter ficado admirado, mas a explicação é simples. O sr. Harding, da Harding Brothers, disse que lhe vendera o último exemplar, e deu-me seu endereço.

— Ah, então foi assim? Ele disse quanto paguei pelo objeto?

— Não, não disse.

— Pois bem, sou um homem honesto, embora não seja rico. Paguei apenas quinze xelins pelo busto, e acho que devo dar-lhe essa informação antes de aceitar dez libras por ele.

— O escrúpulo honra-o, sr. Sandeford, mas fiz minha oferta e sustento-a.

— É muito gentil de sua parte, sr. Holmes. Trouxe o busto conforme me pediu. Aqui está.



(Sidney Paget, 1904)

O homem abriu a sacola, e vimos na mesa uma duplicata do busto que mais de uma vez víramos em pedaços. Holmes tirou um papel do bolso e colocou na mesa uma nota de dez libras.

— Queira assinar este papel, sr. Sandeford, na presença destas testemunhas. Diz simplesmente que o senhor me transfere todos os direitos sobre este busto. Sou um homem metódico, e a gente nunca sabe o que pode acontecer. Muito agradecido, sr. Sandeford. Aqui está seu dinheiro. Passe muito bem.

Depois que o homem partiu, os movimentos de Holmes chamaram-nos a atenção. Começou por tirar do armário uma toalha limpa, estendendo-a sobre a mesa. Colocou depois o busto ao centro, apanhou um bastão e com ele deu uma pancada seca no meio da cabeça de Napoleão. O busto quebrou-se, e Holmes inclinou-se avidamente por sobre os fragmentos. No momento seguinte, soltou uma exclamação de triunfo, erguendo um pedaço onde se via um objeto escuro, redondo, como ameixa em pudim.

— Senhores, permitam que lhes apresente a ramosa pérola negra dos Bórgias! — disse ele.

Lestrade e eu ficamos em silêncio durante alguns momentos; depois, impulsivamente, batemos palmas, como ao final de um espetáculo. O sangue subiu ao rosto de Holmes, e ele inclinou-se, como o ator dramático que recebe a homenagem da assistência. Era nesses momentos que ele deixava de ser uma máquina pensante e traía seu amor pela admiração e pelo aplauso. A mesma criatura orgulhosa e reservada, que detestava notoriedade, ficava emocionada ao receber o elogio dos amigos.

— Sim, senhores, a pérola mais famosa do mundo, e foi sorte minha ter podido segui-la, por uma cadeia de raciocínio indutivo, desde o quarto de dormir do príncipe de Colonna, no Hotel Dacre, onde foi perdida, até o interior deste objeto, o último dos seis bustos de Napoleão feitos pela Gelder & Co. Você deve estar lembrado, Lestrade, da sensação que causou o desaparecimento desta jóia, e dos vãos esforços da polícia londrina para descobri-la. Eu próprio fui consultado, na ocasião, mas nada consegui averiguar. Suspeitaram da criada da princesa, que era italiana; ficou provado que ela tinha um irmão em Londres, mas não obtivemos provas contra nenhum deles. O nome da criada era Lucrecia Venucci, e não duvido que seu irmão seja o homem assassinado por Beppo. Estive relendo os jornais da época e verifiquei que a pérola desaparecera exatamente dois dias antes da prisão de Beppo por crime violento, sendo que ele foi preso na fábrica Gelder & Co. no momento em que os bustos estavam sendo feitos. Vocês vêem claramente a série de acontecimentos, embora os sigam, naturalmente, na ordem inversa da que a mim se apresentou. Beppo tinha a pérola. Pode ser que a tenha roubado de Pietro Venucci, e pode ser que fossem comparsas, ou talvez Beppo tenha sido apenas mensageiro entre o irmão e a irmã. Tanto se nos dá.

Holmes fez uma pausa.

— O importante é que ele tinha a pérola, e naquele momento, quando a levava, foi perseguido pela polícia. Dirigiu-se para a fábrica onde trabalhava, sabendo que tinha apenas alguns segundos para esconder a valiosa jóia, que seria fatalmente encontrada quando o revistassem. Seis bustos de Napoleão estavam secando no corredor. Um deles ainda estava mole. Num minuto, Beppo, que era hábil artesão, fez um furo na massa, enfiou a pérola e, com alguns toques, cobriu de novo o vão. Era um admirável esconderijo. Ninguém a encontraria ali. Mas Beppo ficou um ano na cadeia e, nesse meio tempo, os bustos se espalharam por Londres. Ele não podia saber qual deles continha a pérola. Saberla somente se os quebrasse, pois sacudi-los não adiantaria, uma vez que a pérola devia ter aderido à massa, como de fato tinha. Beppo não se desesperou. Por intermédio de um primo, que trabalhava na fábrica, soube quais as firmas que tinham comprado os bustos. Conseguiu emprego com Morse Hudson, e assim ficou sabendo quais os donos de três bustos. Não encontrou a pérola. Depois, com o auxílio de um empregado italiano, soube onde se achavam os outros três. O primeiro estava em casa de Harker. Mas ali Beppo foi seguido pelo comparsa, que o responsabilizou pela perda da pérola. Brigaram, e Beppo matou o outro.

— Se eram comparsas, por que Pietro estava com a fotografia de Beppo?

— Era um meio de procurá-lo, se tivesse de perguntar por ele a outras pessoas. Não pode haver outra razão. Pois bem, depois do crime, achei que seria mais provável que Beppo se apressasse. Receava, certamente, que a polícia descobrisse seu segredo. Claro que eu não podia saber se ele encontrara, ou não, a pérola no busto de Harker. Nem mesmo chegara à conclusão de que era a pérola que ele procurava, mas evidentemente estava à procura de alguma coisa, uma vez que levava os bustos para um lugar onde houvesse luz. Sendo o busto de Harker um em três, as probabilidades eram as que lhes disse: uma chance contra duas de que a pérola estivesse dentro dele. Faltavam dois bustos, e evidentemente o homem iria procurar o de Londres em primeiro lugar. Avisei o pessoal da casa para evitar outra tragédia, e fomos para lá, com ótimo resultado. A essa altura eu tinha a certeza, claro, de que se tratava da pérola dos Bórgias. Restava um busto, em Reading, e a pérola devia estar nele. Comprei-o, na presença de vocês, do seu dono, e aqui está.

Ficamos em silêncio por alguns momentos.

— Pois bem, já o vi trabalhar em muitos casos, sr. Holmes — disse Lestrade. — Mas nunca com tal perícia. Não temos inveja do senhor, na Scotiand Yard. Não, senhor, temos mesmo muito orgulho e, se for até lá amanhã, não haverá um homem, desde o mais velho inspetor até o guarda mais novo, que não tenha prazer em apertar-lhe a mão.

— Muito obrigado — disse Holmes. — Muito obrigado!

Virou-se e, por um momento, tive a impressão de que estava profundamente emocionado. Dali a pouco, voltara a ser o homem frio e prático de sempre.

— Ponha a pérola no cofre, Watson — disse ele. — E faça o favor de tirar dali os documentos do caso Conk Singleton. Adeus, Lestrade. Se lhe surgir algum problema no caminho, terei muito prazer em fazer uma ou duas sugestões quanto à solução.